Anno de 1846. Sabbado 14 de Fevereiro. Anno XXII N. 36.

O DIARIO publica-se todos os dias que não forem de guarda : o preço da assignatura he de 4$000 rs. por quartel *pagos adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos a razão de 20 réis por linha, 40 rs. em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagão 80 rs. por linha, e 160 em typo differente.

PHASES DA LUA NO MEZ DE FEVEREIRO.

Crescente a 3 as 2 hor. e 51 min. da man.
Lua cheia a 11 as 6 hor. e 51 min. da man.
Mingoante a 19 as 2 hor. e 23 min. da man.
Lua nova a 25 as 5 hor. e 11 min. da tard.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Goianna, e Parahyba, Segd.as e Sextas feiras.
Rio Grande do Norte, chega nas quartas feiras ao meio dia, e parte nas mesmas horas nas quintas feiras.
Cabo, Serinhaem, Rio Formoso, Porto Calvo, e Maceyó, no 1.º, 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito a 10 e 24.
Boa-Vista e Flores a 13 e 28.
Victoria nas quintas feiras.
Olinda todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira as 7 h. e 42 minutos da manhãa.
Segunda as 8 h. e 6 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

9 Segunda S. Apollonia, aud. do J. dos orf. e do J. do C. da 2. v., do J. M. da 2. v.
10 Terça S. Guilherme, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 2. dist. de t.
11 Quarta S. Lazaro, aud. do J. do civ. da 2 v., e do J. de paz do 2. dist. de t.
12 Quinta S. Modesto, aud. do J. de orf., e do J. M. da 1. v.
13 Sexta S. Benigno, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
14 Sabbado S. Valentim, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
15 Domingo S. Jovita.

CAMBIOS NO DIA 13 DE FEVEREIRO.

Camb. sobre	Londres, 2 d. p. 1$ a 60 d.				
»	» Paris 350 réis por franco.				
»	» Lisboa 105 p. c. pr. p. m.				
Desc. de let.	de boas firmas 1 1/4 p. % mez				
Ouro-Onças	hespanholas	30$500	a	31$000	
» Moeda	de 6$400 vel.	16$600	a	16$800	
» »	de 6$400 nov.	16$200	a	16$500	
» »	de 4$000 . .	8$500	a	8$800	
Prata-Patacões	. . . .	1$900	a	1$920	
» Pesos Columnares	.	1$920	a	1$940	
» Ditos Mexicanos	. .	1$840	a	1$870	
» Prata Miuda	. . .	1$580	a	1$700	

Acções da C.ª do Beberibe de 50$000 ao par.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ADVERTENCIA.

No 1.º officio do expediente do commando das armas do dia 9 do corrente, publicado com o nosso n.º 34, pag 1.ª, col. 3.ª, linhas 38 e 39, em vez de *e os vogaes da junta de justiça, que certamente etc*—lêa-se *e os vogaes da junta de justiça certamente, etc.*

EXTERIOR.

REPUBLICA DO PARAGUAY.

Viva a Republica do Paraguay !
Independencia ou morte !

MANIFESTO.

A Republica do Paraguay, apezar de sua politica de constante e não interrompida paz, apezar de seu systema de circumspecção para com os governos estranhos, apezar, em fim, de seus principios eminentemente inoffensivos, vê-se obrigada e necessariamente compellida á fatal necessidade de interpôr o ultimo e extremo recurso das armas para defender seus direitos, ultrajados pelo dictador de Buenos-Ayres, e para salvar a sua existencia nacional.

Em tão solemne e grave posição, o supremo governo da Republica do Paraguay deve manifestar a todas as nações as razões poderosas e urgentes, que determinão o seu procedimento, expôr com toda a franqueza suas vistas, e patentear a sua summa justiça.

Não se trata de uma guerra originada em odios pessoaes, movida por ambições, dirigida a conquistas, ou cortejada por outro qualquer pensamento reprovado pela Providencia ou pelos homens; trata-se sim de causa mais justa e santa, e por isso mesmo nada ha que occultar aos olhos do universo.

Além daquillo, que a imprensa, tanto deste estado como do Estado-Oriental, tem publicado extensamente, he notorio e sabido por todo o mundo, que a independencia politica da Republica do Paraguay he um facto consummado, coevo, e tão legitimo como o da independencia de Buenos-Ayres. Todas as potencias, parte das quaes já reconhecêrão a soberania nacional, sabem muito bem que desde maio de 1811, o povo paraguayo separou-se e emancipou-se, não só da Hespanha, senão tambem de toda e qualquer subjeição ao vice-reinado de Buenos-Ayres, instituição da metropole, que caducou com a queda do systema colonial. Desde então até hoje a sociedade e destinos paraguayos teem formado uma entidade totalmente soberana e distincta da Republica do Prata, não só com sciencia, senão tambem com reconhecimento do proprio governo della.

He publico, que o governo das provincias do Rio-da-Prata, por notas de 28 de agosto e do 1.º de outubro de 1811, assim como pelo tratado solemne de 12 desse mesmo mez e anno, reconheceo plena e categoricamente a independencia paraguaya. He tambem facil a qualquer razão imparcial a convicção de que nenhum outro expediente lhe restava, porquanto nenhum direito tinha para oppôr-se.

Ambos os paizes erão colonias que se libertárão do cativeiro commum, e o fazião com o mesmo e igual direito. Não tinhão entre si vinculo algum, os coloniaes cahirão rotos. Extincta a delegação do poder do throno hespanhol, não sobrevivia vice-reinado nem autoridade alguma : era preciso crear um novo pacto de associação, novos depositarios do poder, e o unico meio legitimo era a vontade livre do povo paraguayo, que o não quiz celebrar, nem celebrou com as provincias do Rio-da-Prata.

Os principios de fundação, possessão ou divisão colonial, ainda quando fossem titulos dignos de serem allegados por um governo honesto, pertencião á Hespanha, e nunca ao dictador de Buenos-Ayres, que, resgande-os em relação á metropole, quer invoca-los no seu interesse !

Dissolvida a sociedade hespanhola da America, e restituidos os socios ao estado de sua liberdade natural, organisou-se o povo paraguayo, como nação soberana que he, e gozou desde então pacificamente de sua independencia, que não foi turbada por governo algum dos muitos que tem tido Buenos-Ayres. Ella pertencia já ao dominio da historia, e ninguem podia suppôr, que fosse posta em duvida.

Juntamente com o direito e o facto da independencia paraguaya, tinha sido desde então respeitado o direito de navegação da republica pelas agoas do Paraná e Prata. Nem um só governo argentino lhe disputou jámais, e pelo contrario alguns se queixárão do systema de isolamento e prohibição commercial do Paraguay. Se o direito de commerciar com as provincias confederadas podia ser questionavel, nunca a duvida se poderia estender ao direito de transito ou serventia real, constituido desde os primeiros dias do imperio hespanhol na America. A capital do Paraguay governou todo o territorio e agoas do Parana até a installação do vice-reinado de Buenos-Ayres, antes e depois delle, e antes e depois da independencia conservou sempre esse direito de serventia real, esse *jus in re*, que subsiste, qualquer que sejá o proprietario.

Era este o estado de cousas quando terminou o governo dictatorial da republica. As necessidades sociaes e os progressos da civilisação exigião algumas prudentes modificações do systema anterior, e abertura dos portos paraguayos ao commercio estrangeiro. Para chegar a estes fins importantes e liberaes, era necessario crear relações com as differentes nações. Dahi nasceo o pensamento de ratificar-se em 1842 o pronunciamento da independencia para notifica-lo aos governos amigos, passo que não se tinha dado por causa do isolamento anterior.

Desde essa época começárão as gratuitas offensas e injustas hostilidades do dictador de Buenos Ayres. Em nota de 28 de dezembro de 1842, o supremo governo paraguayo communicou áquelle o dito pronunciamento, e lhe offereceo suas relações de communicação, amizade e commercio.

Em nota de 26 de abril de 1843 e memorandum, que a acompanhou, *manifestou o referido* dictador a sua opposição á independencia paraguaya, como se fosse um facto novo ou problematico, como se tivesse direito algum de contradize-la.

Com linguagem franca e propria da sua dignidade, pedio-lhe o governo da republica, em nota de 30 de agosto do mesmo anno, que reconsiderasse o seu acto, e reflectisse sobre o valor das relações dos dous paizes, e que entretanto procedesse de modo, que a reciproca navegação e commercio continuassem livres até um accordo satisfactorio.

Em 27 de março de 1844 o mencionado dictador elevou a opposição que fazia á independencia nacional á altura de um ultimatum, declarando formalmente, que motivos invenciveis tornavão inverificavel essa concessão. Para aggravar mais semelhante hostilidade accrescentou— que consentiria na navegação e commercio reciproco, quando ou emquanto as circumstancias de guerra com o estado de Corrientes consentissem —, isto he, conforme fosse do seu agrado ou arbitrio, ou politica offensiva.

Apezar da guerra de Corrientes, havia muitos e differentes meios de garantir as reciprocas e interessantes transacções entre os dous estados ; era possivel mesmo uma alliança; mas aos fins do dictador não convinha lançar mão de nunhum outro recurso. A razão he clara, e o meio conseguinte : como pretendia combater a independencia paraguaya, convinha-lhe enfraquecer a republica e enerva-la para domina-la.

Em 9 de julho seguinte reclamou o governo nacional contra esta nova ameaça. Emquanto esperava solução, promulgava o dictador o seu decreto do 1.º de agosto desse mesmo anno.

Esse decreto permittia a navegação provisoriamente, e limitada sómente aos navios argentinos, medida depressora da marinha e interesses paraguayos.

Depois deste acto tão caracteristico e significativo, respondeo em 3 de outubro posterior, confirmando os antecedentes, e não abrindo meio algum de negociação.

Cessou, pois, a navegação do Paraguay, nem um só dos seus navios tornou a descer as agoas do Paraguay, nem devião arriscar-se a uma contingencia perigosa, e propria sómente para novos e maiores compromettimentos.

Chegando a Corrientes alguns navios argentinos, o governo daquelle estado, pondo em execução o seu decreto de 7 de outubro do referido anno de 1844, aprezou-os, obrando assim do mesmo modo, que procedia o dictador a respeito das propriedades de Correntes.

Comquanto o governo do Paraguay não podesse ver nessa medida senão um acto belligerante, e devesse guardar a sua neutralidade, exigio do governo de Corrientes explicitas explicações, em cuja discussão chegárão as cousas a um estado de rompimento. Ficava a eleição entre a guerra e uma negociação.

A guerra contrariava todos os interesses paraguayos, pois que lhe fechava tambem por parte de Corrientes a navegação do Paraná, que se queria abrir. Além disto, segundo os principios do dictador, comprometteria a Republica do Paraguay com o Confederação, logo que fosse violado o territorio argentino ou combatida uma parte da nacionalidade.

A Republica do Paraguay considerou portanto ao governo de Corrientes como o unico poder de facto que existia naquelle estado, unico que dispunha de sua força e recursos, unico em fim, que na actualidade podia garantir suas relações, pois que Buenos-Ayres não exercia nem exerce alli jurisdicção alguma, nem sobre um individuo, nem sobre um palmo de terreno.

Em consequencia celebrou a convenção de 2 de dezembro de 1844, revogavel *ad natum*, e na qual guardou religiosa neutralidade, e consultou attentamente os interesses do governo do dictador até com quebra dos de Corrientes.

Com effeito, além de garantir-se nessa convenção a segurança das pessoas e propriedades argentinas, declarou a administração paraguaya á de Corrientes, que não consentia, que os navios aprezados podessem em caso algum ser nacionalisados na Republica, nem obter despachos. Além disto, negou licenças, que forão pedidas para os portos correntinos, e significou, que os navios paraguayos não transportarião carga alguma daquelle estado para o Rio-da-Prata.

Vê-se pois pelo enunciado, que, a não existir a dita convenção, e a executar-se consequentemente o referido decreto de 7 de outubro, os interesses argentinos terião soffrido muito mais ; ou antes, teria sido impossivel qualquer navegação ou commercio no caso de sinceramente ser desejado.

A boa fé do governo paraguayo foi tão ingenua e leal, que elle se apressou, em nota de 26 de dezembro de 1844, a informar de tudo ao dictadpr, transmittindo-lhe por copia a dita convenção, garantindo as propriedades argentinas, e pedindo a liberdade de navegação por estarem removidos todos os perigos. Seus desejos erão tão sinceros, que propôz além disso, que se ajustasse alguma convenção, que assegurasse os reciprocos interesses e restabelecesse a sua harmonia e sympathias.

Todos estes votos erão perdidos, e novos e violentos insultos se preparavão contra a Republica.

Na mensagem de 27 de dezembro de 1844, apresentada pelo dictador á camara de representantes de Buenos-Ayres, a Republica do Paraguay era tratada como provincia da Confederação, e se annunciava, que sua independencia não seria reconhecida.

Por decreto de 8 de janeiro do corrente anno de 1845 foi renovada a prohibição da navegação e commercio paraguayo : o odio estava tão exaltado, que lhe dava effeito retroactivo mandando regressar até os navios carregados por estrangeiros, que tivessem descido o rio antes de promulgado o citado decreto !

Em 17 do mesmo mez e anno, o general Oribe, alliado do dictador, promulgava iguaes proscripções quanto ao rio Uruguay e territorio oriental, sem que tivesse precedido a mais pequena razão e menos provocação de especie alguma.

Em 21 de fevereiro seguinte o ministro do dictador na côrte do Brasil protestava contra o reconhecimento da independencia paraguaya por aquelle gabinete

Finalmente em 22 de março respondeo o dictador á ultima nota do governo paraguayo, calumniando atrozmente e com a maior má fé a convenção de 2 de dezembro, ratificando seus procedimentos antecedentes e declarando solemnemente, que não havia meio algum de intelligencia senão o de incorporar-se a Republica á Confederação.

Não restava ao Paraguay nenhuma via de commercio senão por terra pelo Brasil ; e como por alli sahissem alguns productos e fossem ao Rio-da-Prata, promulgou o dictador o decreto de 16 de abril de 1845, prohibindo toda a introducção de productos paraguayos, qualquer que fosse a via por onde chegassem, e qualquer que fosse o proprietario actual, prohibindo até a descarga dos navios, que os transportassem, ainda que pertencessem a uma nação neutral. Não he possivel levar a maior grão o odio e a hostilidade contra o innocente commercio do Paraguay !

A' vista do procedimentos taes, a Republica julgou dever á sua propria honra e dignidade rebater as calumnias e cortar toda a communicação com um governo arrogante e perfido, e prepara-se para a justa defensa de seus direitos. Respondeo-lhe portanto nesta conformidade, em nota de 28 de julho de 1845, assegurando-lhe, que, se elle tratava de uma confederação voluntaria, a Republica *decidida e irremediavelmente* não queria ; *e se tratava* de uma *incorporação violenta e coacta*, era bom recordar, que *já passou* o tempo das conquistas : que era indigno propôr a um povo que renunciasse á sua independencia, e que contasse o dictador com todos os sacrificios para torna-la ovante e respeitada.

Os attentados do dictador, que pozerão em conflagração os estados do Rio-da-Prata, e assaltárão a Republica Oriental, já occasionárão a intervenção européa, que póde ser envolvida em graves complicações.

Mas, apezar da presença dessa intervenção e da crise que produz a politica do dictador imprevidente e temeraria, e a do seu alliado a respeito do Paraguay, não cessa de ser cada vez mais hostil.

Por decreto de 14 de agosto ultimo foi renovado a prohibição da navegação e commercio paraguayo em todo o territorio oriental occupado pelas armas do general Oribe.

Por decreto de 27 de setembro proximo passado foi excitada pelo dictador a execução dos seus decretos hostis de 8 de janeiro e de 16 de abril.

Em taes circumstancias, soffrendo o Paraguay por tanto tempo todos os males de um rigoroso bloqueio, enervado o seu commercio, desfalcada a sua fortuna individual e publica, sem ver limites a suas perdas ; ultrajado em seus mais charos e mais importantes direi-

FOLHETIM.

A RAINHA MARGOT. (*)

POR Alexandre Dumas.

QUARTO VOLUME.

CAPITULO X.

PROJECTOS DE VINGANÇA. *(Continuação).*

O pagem do duque d'Alençon, que trazia o capote de La Mole, lh'o apresentou dizendo :

— Monsenhor mandou buscar ao vosso quarto este capote para decidir uma aposta que tinha feito sobre a sua côr.

— Oh! disse La Mole, eu só o procurava porque queria sahir ; mas se S. alteza precisa ainda delle.......

— Não, Sr. conde, ja está decidida a aposta.

O pagem retirou-se ; La Mole pos o capote.

— Então ! disse elle, a que te decides?

— Não sei.

— Encontrar-te-hei logo aqui?

— Como queres tu que eu te diga isso?

— Pois não sabes o que farás em duas horas?

— Sei muito bem o que farei ; mas não sei o que me obrigarão a fazer.

— A duquesa de Nevers?

— Não, o duque d'Alençon.

— Com effeito, disse La Mole; noto que de certo tempo a esta parte, elle te mostra muita amisade.

— He certo, respondeo Cocannas.

— Então, está a tua fortuna feita, disse La Mole rindo-se.

— Boa fortuna! .... disse Cocannas, um filho segundo!

— Oh! acudio La Mole, elle tem tão boa vontade de vir a ser primeiro, que o céo fará talvez um milagre em seu favor. Com que então não sabes onde estarás esta noite?

— Não.

— Vai-te ao diabo [illegible] ou antes, adeos!

— Este La Mole he [illegible] disse Cocannas, com o seu querer [illegible] que [illegible] posso eu [illegible] que tenho [illegible] dormir.

E [illegible]

La Mole [illegible] aposento [illegible]

Ao chegar ao corredor que [illegible] duque d'Alençon.

— Ah! sois vós, M. de La Mole? lhe [illegible]

— Sim, monsenhor, respondeo La Mole, [illegible] respeitoso.

— Então, sahis do Louvre?

— Não, serenissimo Sr. ; vou apresentar as minhas homenagens a S. magestade a rainha de Navarra.

— A que hora sahireis de lá, M. de La Mole?

— V. alteza tem alguma ordem a dar-me?

— Agora não, mas tenho que fallar-vos esta noite.

— A que hora?

— Das nove ás dez.

— Terei a honra de me apresentar a essa hora no aposento de V. alteza.

— Bem ; conto com vosco.

La Mole fez a reverencia, e continuou o seu caminho.

— Este duque, disse elle, tem momentos em que he pallido como um cadaver ; he cousa singular.

E bateo á porta da rainha : Gillonne que parecia espreitar a sua chegada, o conduzio a presença de Margarida.

Estava esta occupada com um trabalho, que parecia fatiga-la muito ; e tinha junto de si um papel cheio de [illegible] e entrelinhas, e um volume de Isocrates. Fez signal a La Mole que a deixasse concluir um paragrapho ; [illegible] que o terminou, no que não gastou muito tempo, [illegible] a penna, e convidou o mancebo a sentar-se ao pé [illegible]

La Mole não cabia em si de prazer. Nunca estivera tão [illegible], nunca tão alegre.

— Vamos grego! exclamou elle lançando os olhos sobre o livro : um discurso de Isocrates! Que quereis fazer com isto? Oh! oh! e latim neste papel! *Ad Sarmatiæ legatos reginæ Margaritæ concio.* Então ides fallar a esses barbaros em latim?

— Assim he preciso, disse Margarida, pois que não fallão francez.

— Mas como podeis vós fazer a resposta antes de ouvir o discurso?

— Se fôra eu mais presumida, fizera-vos acreditar que he isto um improviso ; mas com vosco, meu Jacintho, não uso de taes enganos : communicárão-me de antemão o discurso, e faço a sua resposta.

— E estão esses embaixadores proximos a chegar?

— Mais do que isso ; já chegárão desde pela manhãa.

— Mas ninguem o sabe?

— Vierão incognitos. A sua apresentação solemne he depois d'amanhãa, supponho eu. No mais, vós vereis, disse Margarida com ares de satisfação, que não deixava de ter sua ponta de pedentismo, o que fiz esta tarde he bastante ciceroniano ; deixemos porém estas futilidades. Fallemos do que vos aconteceo.

— A mim?

— Sim.

— Que me aconteceo então?

— Ah! de balde vos quereis mostrar bravo, acho-vos um pouco pallido.

— Então he de haver dormido muito ; do que me accuso muito humildemente.

— Vamos la, nao façamos de fanfarrão ; eu sei de tudo.

— Tende pois a bondade de pôr-me corrente nisso, minha joia, porque eu de nada sei.

— Vejamos, respondei-me francamente. Que vos perguntou a rainha-mãi?

— A rainha-mãi a mim? Então ella tinha de me fallar?

— Pois não a vistes?

— Não.

— E el-rei Carlos?

— Não.

— E el-rei de Navarra?

— Não.

— Mas o duque d'Alençon, viste-o?

— Sim, ainda agora, encontrei-o no corredor.

(*) Vide *Diario* n.º 34.

tos, sem esperança de negociação alguma honrosa, que deverá fazer? Respondão os governos do mundo.

Occorre ainda, além do exposto, que o exercito do general Rosas, logo que passe o Uuruguay, atacará o estado de Corrientes, e seguidamente virá completar a guerra sobre o Paraguay, pois que só aguarda esta opportunidade, como he patente e sabido de todo o mundo.

Neste estado de cousas, só uma politica imprevidente consentiria no anniquilamento das armas correntinas, que pela natureza das circumstancias formão actualmente a vanguarda do Paraguay: só uma politica de alta traição á patria a deixaria a descoberto e esperaria inerme pela invasão do seu atroz inimigo, que sabe fazer a guerra por modo tão horroroso, que espanta a natureza e a todas as ideias de humanidade e de civilisação.

Portanto, o presidente da Republica do Paraguay, invocando a Providencia e o mundo inteiro por testemunhas da sua razão e da sua justiça, forçado a esquecer-se dos sacrificios e calamidades da guerra, rompendo a sua preciosa paz cultivada, ha tantos annos, declara guerra ao dictador de Buenos-Ayres, guerra justa e santa, que cessará, logo que elle respeite a justiça dos povos e os preceitos do Creador.

A Providencia, que conhece o intimo dos corações, ella que creou e aprecia os principios da verdade e do direito, ella que condemna a mentira e o crime, ella emfim que recommenda a paz e deseja a felecidade dos humanos, proteja as armas do Paraguay, dê-lhes prosperidade, e permitta que a victoria custe o menor soffrimento possivel á humanidade.

Assumpção, capital da Republica do Paraguay, 4 de dezembro de 1845.

CARLOS ANTONIO LOPEZ.

André Gill,

Secretario do supremo governo.

(*J. do Commercio.*)

INTERIOR.

A VIAGEM DE SS. MM. II.

CORRESPONDENCIA DO JORNAL DO COMMERCIO.

Porto-Alegre 15 *de dezembro de* 1845.

Continúa inalterada a preciosa saúde de SS. MM. II.

Os estabelecimentos publicos teem sido visitados pelo Imperador, e nos momentos, que deixão de folga os publicos negocios, não fica S. M. em ocio nas salas de palacio, está em continuados movimentos pelos arrabaldes da capital.

Parece, que se não agradárão SS. MM. da vivenda do campo, pois apenas por dous dias incompletos occupárão a chacara do Sr. Travassos no Caminho-Novo. A casa he boa, está decentemente preparada, e em sitio mui aprazivel, a borda do Guayba, com a cidade debaixo de vista; mas tristes estiverão os dous dias, que alli passou a côrte; sempre chuva e vento, que não consentião, se abrisse uma janella; e ninguem vai por gosto encerrar-se no campo.

Tenho mui minuciosamente sondado o espirito publico da provincia, e cada vez mais me maravilha o que observo: não ha noticia do mais insignificante acontecimento, que se possa julgar filho ou consequencia da desastrosa desavença, que pelo longo espaço de 10 annos trouxe armada uma parte da população contra a outra. Onde, em que paiz do mundo se deo já o facto de, no mesmo dia e hora em que se proclama extincta uma guerra civil, expirarem todos os odios e resentimentos naturalmente originados por essa a mais temivel das guerras? Ninguem se lembra de ter sido rebelde ou legalista para evitar a communhão e alliança de seu outr'ora adversario! Os chefes de ambos os lados, os subalternos, os simples soldados, se não encontrão sem se tratarem com a maior affabilidade e franqueza, como se entre elles nunca se dera o mais leve motivo de desintelligencia! A alguns tenho ouvido referir seus recontros e combates; nenhum nega ao outro seus actos de valor e dexteridade, explicando-se occurrencias havidas entre elles com tal frescura, como se fôrão passadas em pura brincadeira! Honra á moralidade do povo brasileiro, honra a indole dos Rio Grandenses, que sabem esquecer pesares e soffrimentos, que lhes occasionou o genio da discordia, hoje banido d'entre elles.

Pergunte-se, porém, a esses homens do campo pelo motivo de seu procedimento, isto he o que os fez farrapos ou legalistas, e a maior parte responderá, que—suas affeições pelos chefes. A familia de Bento Gonçalves he numerosissima, habita os povoados e a campanha; por toda parte, pois, encontrava elle as sympathias do sangue pelo menos; e assim os outros chefes. Na legalidade se dá o mesmo facto; todos os que por ella pugnárão tinhão sem duvida nos labios o nome do Imperador, no coração o amor da patria; porém seus olhos seguião aos Loureiros, aos Mena Barreto, aos Silva Tavares, aos Chico Pedro, etc., e a final a Bento Manoel; acompanhavão-nos para onde quer que fossem; nem todos teem bastante illustração para estudar e comprehender principios politicos e as causas das desavenças: a fé implicita nos homens com quem de mais perto tratavão, eis o que os fez legalistas ou farrapos. Hoje mesmo muitos não sabem a denominação dos corpos em que servirão: « fui da gente de Bento Gonçalves » diz um, « e eu responde outro com orgulho, « fui de Chico Pedro. » A presença do Imperador, sua affabilidade para com todos, seus repetidos e apregoados actos de beneficencia e caridade confundem agora estas crenças em uma só: são todos imperialistas, todos reconhecem os beneficios da união, ninguem quer já separação de provincias, e he tal revolução nas ideias, que os mais tenazes e obstinados republicanos fazem plena confissão de seus sentimentos de outr'ora para serem cridos na sinceridade com que protestão actualmente bater-se pela monarchia com igual senão maior ardor ao com que o fizerão por uma causa, que sua falta de conhecimentos lhes fazia parecer boa. Os estancieiros, os negociantes, os artistas voltárão a seus habitos de vida; em uma palavra, da lucta e convulsão, por que passou esta provincia, restão apenas vestigios physicos n'alguns predios arruinados, n'alguns campos talados, que se vão reparando.

O coronel Bento Gonçalves presentou-se a S. M. em audiencia particular com suas insignias e condecorações; e, como era de esperar, foi pelo monarcha tratado com a affabilidade e gasalhado, que S. M. tem para todos os subditos, que o procurão.

Desmente-se o boato aqui espalhado, e de que dei conta em tempo, de ir este veterano do exercito brasileiro servir á Republica do Paraguay: he certo que convite lhe foi feito, porém o não acceitou.

Progridem as diligencias do ministro do imperio para a fundação do estabelecimento de instrucção para orphãas desvalidas, de que já fallei mais de uma vez: a subscripção sobe já a setenta e cinco contos entre esta e a cidade do Rio-Grande; e porque se tem de estender a toda a provincia, calcula-se, que subirá a cem contos de réis. Esta somma já por si constitue bom patrimonio; diz-se, porém, que para mais garantias de estabilidade proporá o presidente á assembléa provincial em sua primeira reunião, que vote uma consignação annual de 20 contos de réis. Se assim acontecer, bem poderá o estabelecimento manter, sómente a suas expensas, cincoenta orphãas, o que já não he pouco; e além deste beneficio, outro resultará de tão util creação, qual o de poderem os pais confiar a educação de suas filhas a esta casa. Sendo este o monumento, que deva levar a mais remotas eras a memoria da visita do Senhor D. Pedro II a esta provincia, merece de sua solicitude o maior cuidado e attenção. Está escolhido o terreno em que se deve edificar o predio: fica a margem do Guayba ao sul da capital, na chacara chamada do *Chrystal*. O Imperador fez ao estabelecimento a doação do terreno, que mandará comprar em praça n'um dos dias proximos, o qual está avaliado em onze contos de réis. Projecta fazer vir de França algumas das senhoras, a cujo cargo fique o estabelecimento, e ouvi que para este fim se entenderá com a piedosa esposa do rei Luiz Philippe, por intermedio da princeza de Joinville, para que a escolha recaia em pessoas, que por suas luzes e virtudes dêem garantias de uma sãa e illustrada educação ás futuras mãis brasileiras. Do instituto das irmãas de caridade ou de outro de igual credito devem de sahir as principaes mestras do collegio de Santa Thereza.

Corrigirei ainda outra inexactidão, que me fizerão commetter em uma de minhas cartas, tratando da creação deste estabelecimento. Não são obras do finado bispo do Rio-de-Janeiro os estatutos que eu disse trouxera o ministro para servirem de regimento do collegio, he trabalho do finado bispo de Pernambuco. Examinados, porém, com maior attenção, vio o ministro, que não podem ser adoptados em toda sua integra, e carecem de alterações, que lhe serão feitas pelo concelho ou directorio nomeado para administrar o estabelecimento.

Além desta creação, falla-se que outra será feita para educação de meninos, porém toda a expensas da provincia; he talvez o lycêo projectado pela assembléa provincial, o qual terá a denominação de *Santo-Affonso*. He esta uma das provincias, que podem, sem grande sacrificio, curar da instrucção de seus naturaes por taes instituições: suas rendas são avultadas; e as estradas, que nas outras absorvem avultadissimas sommas, são aqui feitas pelo sol e casco dos cavallos, sendo rarissimas as que demandão pequenos reparos. Terminada a lucta que estorvava seu engradecimento material e moral, he tempo de se aproveitar da boa disposição, em que se achão todos, de reparar, ainda com os maiores sacrificios, os damnos causados pelos dez annos de tresvarios.

Communicados.

CONCERTO DO SENHOR F. S. NORONHA.

Hoje, pois, teremos o prazer de ouvir o insigne rabequista, o Sr. Noronha, que pela primeira vez apparece ante o publico pernambucano.

No dia da festa do Poço, tivemos a fortuna de conhecer, quanto vale a rabeca nas mãos do Sr. Noronha, quando tocou em casa de um amador das bellas artes.

He de esperar, que, esta noute, immensa concurrencia acudirá ao concerto do Sr. Noronha, com o particular desejo de ouvir essa valsa, que os Fluminenses intitulárão *Ai Jesus*, por serem estas palavras pronunciadas distinctamente na rabeca, que o Sr. Noronha tem a habilidade de fazer fallar.

Com inquietação esperamos pela noute de hoje.

O Apaixonado dos bons artistas.

(*) Verificou-se a morte do Exm. Sr. Antonio Carlos, senador por esta provincia, e por consequencia existe a vaga, que temos de preencher quando o governo mandar proceder á eleição, na fórma do costume. A eleição de senadores differe muito da de deputados, porque os primeiros, recebendo a sua missão por uma só vez, são vitalicios, e não dependem mais do povo, que os elegeo, nem da corôa, que os escolheo; em quanto os deputados só durão quatro annos, e por isto ficão subjeitos á uma reeleição, ou exclusão, se não cumprem o seu mandato, ou estão expostos á uma dissolução, quando assim approuver ao poder moderador. Portanto a eleição e a escolha de um senador são actos de muita transcendencia para o povo, e para a corôa, porque o senado não tem outro correctivo pela nossa constituição senão na sua moralidade, e no seu patriotismo.

Estou, que haja espirito de partido, *servatis servandis*, na eleição de deputados, porém levar esse espirito, com exclusão do merito e das virtudes transcendentes, á camara do senado, he não só inverter todas as regras do justo, e do honesto, como viciar e corromper as nossas instituições até o fundamento. Se houver um homem, cuja probidade e intelligencia estejão acima do commum, esse homem não deve ser esquecido pelo povo, sob pena de reverter contra elle o seu proprio esquecimento; porque um povo, que não respeita, nem acata a intelligencia e a probidade, onde ellas se acharem, he indigno de ser livre. Desgraçadamente temos dado muitas provas, de que não sabemos apreciar as condições do systema representativo.

Logo no principio do senado tivemos seis senadores, dos quaes só dous erão filhos d'esta provincia, e dous nem aqui erão residentes. Sem embargo concebemos, que um homem como o Exm. Sr. José Carlos Mairink podesse ser senador por Pernambuco, porque, residindo aqui, ha muitos annos, casado, proprietario, com interesses radicaes na provincia, este homem tem adquirido todo o direito de domicilio, principalmente quando reune a intelligencia, e a probidade; porém, como forão, e a que titulo, senadores por Pernambuco os Srs. Bento Barroso, e marquez de Inhambupe? Como o foi ultimamente o Sr. Antonio Carlos? He mister, que este povo tenha perdido todo o sentimento de honra, e da propria dignidade para votar em um forasteiro, com exclusão dos proprios filhos da sua provincia.

A eleição do Sr. Antonio Carlos foi filha do espirito de partido; mas he mister não levar esse espirito a ponto de envilecer-nos, fazendo representar a nossa provincia no Rio-de-Janeiro o ridiculo papel de pobre de homens illustrados, e ainda mais pobre de espirito. Tres qualidades são essenciaes para senador: a primeira he a probidade immaculada; a segunda, a intelligencia acima do vulgar; e a terceira, independencia pessoal e posição elevada, porque o senado he o fecho da cupola social. Teremos acaso falta d'esses homens? Não de certo, nem Deos o permitta nunca; mas temos falta de patriotismo, e de pundonor, e isto he peior que tudo. Cada vez que se reproduz em Pernambuco uma eleição de senador, aperta-se-nos o coração, porque vemos, que esta provincia tem perdido todos os seus fóros, tem renunciado á sua antiga nomeada!

Em fim o ridiculo e miseravel estratagema das chapas, forçando a liberdade de votar, tem escravisado a consciencia pública; a ninguem he licito votar em um homem, que julga digno da sua eleição, se não vai incluido na *chapa do partido*; e que *chapas*, Deos de misericordia!! O caso, porém, não he este, e o que vou dizer convencerá, que temos muitos homens dignos de serem adoptados pelo povo, como candidatos para uma lista triplice; e como o meu objecto he fazer lembrar um desses nossos patricios direi, que um dos mais dignos he sem duvida o Exm. Sr. visconde de Goianna. Como magistrado foi sempre de uma probidade immaculada; elle sacrificou a sua carreira, só porque em certa época a magistratura não lhe pareceo tão cheia de brilho como no principio.

Felizmente o Sr. visconde de Goianna, além de filho desta provincia, he pella casado e domiciliado. Se á sua probidade quizermos reunir a sua alta e illustrada intelligencia, teremos o complemento da magistratura com toda a sua brilhante e antiga reputação; e se, ainda para mais lustre, quizermos reunir a todos estes predicados uma elevada posição social, elle a tem por seus titulos, e ainda mais por sua independencia, porque, estando aposentado, não depende do poder, nem está á mercê das oscilações dos partidos, pois nada tem que esperar delles. Se um homem ha, que na nossa provincia não possa ser excluido de uma votação para senador, sem grave desar nosso, sem revoltante injustiça, he sem duvida o visconde de Goianna.

Combatendo, pois, o pessimo costume das *chapas*, desejo, que o nobre visconde seja candidato proposto pela imprensa, e subjeito á discussão. Nós o propomos á todos os partidos, e esperamos, que elle seja acceito; fazemo-lo com toda a franqueza e bizarria, e estamos prompto a sustentar a sua candidatura, se acaso houver quem a combata. Desejamos a discussão, porque será um meio de instruir o povo, que pela maior parte não conhece os homens mais distinctos do paiz, ou porque em sua longa carreira de serviços estiverão muito tempo ausentes da provincia, ou porque, incapazes dos manejos occultos das facções, fogem dessa nomeada, que, se deixa de presente alguma cousa, leva comsigo para o futuro bem tristes recordações.

Tornamos a repetir, que temos muitos homens capazes e dignos de entrarem em uma lista triplice, e que, se são esquecidos, não he o mal tão sómente para elles, como para a provincia, que os porterga com seu proprio desdouro; mas, como por ora nos propomos sustentar a candidatura do nosso amigo, só a elle nos referimos, desejando, que com effeito os candidatos para a senatoria sejão subjeitos á discussão da imprensa. Seria este o modo de fazer conhecidos alguns homens, cuja intelligencia, probidade e serviços estão como em completo esquecimento, ou cujos nomes apenas servem de anteparo, ou de biombo entre os partidos. Convidamos, portanto, a imprensa a entrar nessa lucta, de que muitos bens nos podião resultar: quem não quizer expôr-se á discussão, não seja candidato. Se assim fizessemos para a eleição de deputados, teriamos poupado á nossa provincia grandes motivos de descredito.

I.

(*) Este communicado nos foi entregue antes do fallecimento do Exm. Sr. José Carlos Mairinck; e por particulares razões he, que o não temos até hoje publicado.

Os RR.

COMMERCIO

Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 13. . . . . 3:469$784

Descarregão hoje 14.

Brigue—*Daino*—mercadorias.
Patacho—*Halycon*—carvão.
Barca—*W.m-Kennedy*—farinha.
Brigue—*Amorim*—fumo.
Polaca—*Concordia*—barricas abatidas.

IMPORTAÇÃO.

CAROLINE, barca americana, vinda de Boston, entrada no corrente mez, consignada a Henry Forster & Companhia, manifestou o seguinte:

200 caixas velas de espermacete, 300 barricas bacalhão, 1192 barricas farinha de trigo; aos consignatarios

W.m-KENNY, barca americana, vinda de Baltimore, entrada no corrente mez, consignada a L. G. Ferreira & Companhia, manifestou o seguinte:

2,000 barricas farinha de trigo; aos consignatarios.

Consulado.

RENDIMENTO DO DIA 13.

Geral.	2:827$794
Provincial.	694$142
Diversas provincias	339$061
	3:860$997

Movimento do Porto.

Navio entrado no dia 13.

Philadelphia; 36 dias, brigue americano *Cumberland*, de 158 toneladas, capitão L. P. Cassan, equipagem 7, carga farinha e mais generos; a Matheus Austin & Companhia.

Navios sahidos no mesmo dia.

Canal; barca suéca *Belly*, capitão J. M. Hraft, carga assucar.

Hamburgo; brigue suéco *Solide*, capitão W.m P. Westermark, carga assucar.

Stockholmo; brigue suéco *Astrea*, capitão C. Olpom, carga assucar.

Porto; brigue portuguez *Importador*, capitão José Francisco Carneiro, carga assucar e mais generos. Passageiros, José Gonçalves de Azevedo, Antonio Francisco da Costa Braga, Brasileiros; José de Cam-

---

— Que vos disse elle?

— Que tinha algumas ordens a dar-me entre as nove e dez horas da noite.

— E nada mais?

— Mais nada.

— Acho extraordinario.

— Mas em fim, o que he que achais extraordinario, dizei-me?

— Que não tenhais ouvido fallar de nada.

— Que houve então?

— Houve que hoje todo o dia, desaventurado, haveis estado suspenso sobre um abismo!

— Eu?

— Sim, vós.

— A que respeito?

— Escutai. Demouy, sorprendido esta noite na camara de el-rei de Navarra, a quem querião prender, matou tres homens, e escapou-se sem que lhe conhecessem outra cousa mais do que o famoso capote vermelho.

— E d'ahi?

— E d'ahi! esse capote vermelho que me enganára uma vez, enganou tambem a outros: suspeitou-se que ereis vós, fostes até accusado dos tres mortos. Esta manhãa querião prender-vos, julgar-vos, quem sabe?..... condemnar-vos talvez; porque para salvar-vos, não quererieis dizer onde estaveis, não he assim?

— Dizer onde eu estava! exclamou La Mole, compromettor-vos, minha bella rainha! a vós, minha bella magestade! Oh! tendes muita rasão, eu teria morrido cantando canticos para poupar uma lagrima á vossos bellos olhos.

— Ai de mim! meu pobre gentilhomem, disse Margarida, os meus bellos olhos muito terião chorado.

— Mas como serenou essa grande tempestade?

— Adivinhai!

— Que posso eu saber!

— Só havia um meio de provar que não estaveis na camara de el-rei de Navarra.

— Qual era?

— Era o de dizer onde vos achaveis.

— E então?

— E então! disse-o.

— E a quem?

— A' minha mãi.

— E a rainha Catherina.....

— A rainha Catherina sabe que eu vos amo.

— Oh! senhora, depois de tanto haverdes por mim feito, podeis tudo exigir do vosso servidor. Oh! que na verdade he bello e grande, Margarida, o que praticastes. Oh! Margarida a minha vida he vossa!

— Eu o [illegible], porque a arranquei aos que m'a querião roubar, [illegible] agora estais salvo.

— E por vós, exclamou o mancebo, pela minha adorada rainha.

Nesse momento, uma bulha estridente os fez estremecer a ambos. La Mole ergueo-se transido de vago terror, Margarida [illegible] um grito, fitou os olhos no vidro quebrado da [illegible] janella.

Por esse vidro acabava de entrar um seixo do tamanho de um ovo, que ainda rolava sobre o assoalho.

La Mole vio por sua vez o vidro quebrado, e conheceo a causa da bulha.

— Quem he o insolente? exclamou elle, lançando-se á janella.

— Esperai, acudio Margarida; parece-me que á esta pedra está presa alguma cousa.

— Com effeito, disse La Mole, como que he um papel.

Margarida precipitou-se sobre o estranho projectil, e arrancou a delgada folha que dobrada como uma fita estreita, cingia o seixo pelo meio.

Este papel estava atado por um cordel que sahia pelo buraco do vidro quebrado.

Abrio Margarida o bilhete, e leo.

— Infelis! exclamou ella.

E passou o papel a La Mole, descorado, de pé e immovel como a estatua do Terror, que com o coração cerrado por uma dôr de presentimento leo as seguintes palavras:

« Esperão a M. de La Mole, com longas espadas, no corredor que [illegible] ao aposento de M. d'Alençon. Talvez [illegible] sahir por esta janella e ir reunir-se a M. [illegible] em Mantes...... »

— E serão por ventura [illegible] espadas de que fallão, perguntou La Mole depois de haver lido, mais longas do que a minha?

— Não, mas he que ha talvez [illegible] uma.

— E qual he o [illegible] que [illegible] este bilhete? perguntou ainda La Mole.

Tomou-lh'o Margarida outra [illegible] das mãos, e pos nelle ardentes olhos.

— Lettra de el-rei de Navarra! exclamou ella. Elle que previne, he porque o perigo [illegible]. Fugi, La Mole, fugi, sou eu que vo-lo peço.

E como quereis que eu fuja? disse La Mole.

— Mas esta janella, não se falla aqui della?

— Ordenai, minha rainha, e saltarei dessa janella por obedecer-vos, ainda que ao cahir houvesse eu de despedaçar-me mil vezes.

— Ora, esperai, disse Margarida, vêde. Parece-me que este cordel supporta um peso.

— Vejamos, disse La Mole.

E puchando ambos pelo cordel, virão com indizivel alegria apparecer a extremidade de uma escada de clina e sêda.

— Ah! estais salvo, bradou Margarida.

— He um milagre do céo.

— Não, he um favor d'el-rei de Navarra.

— E se fosse uma cilada, observou La Mole; se esta escada houvesse de quebrar-se com o meu peso! Senhora, não descobristes hoje a vossa affeição por mim?

Margarida, a quem a alegria restituira as perdidas côres, tornou-se outra vez de uma pallidez mortal.

— Tendes rasão, disse ella, he possivel.

E dirigio-se para a porta.

— Que ides fazer? gritou La Mole.

— Desenganar-me por mim mesma, se he verdade que vos esperão no corredor.

— Nunca, nunca! para que a sua colera recaia sobre vós!

— Que quereis vós que fação á uma princeza de França, a uma rainha? Sou duas vezes inviolavel.

Disse a rainha estas palavras com tal dignidade, que La Mole persuadio-se que com effeito ella nada arriscava, e elle devia deixa-la obrar como entendesse.

Margarida, pondo La Mole sob a guarda de Gillonne, e deixando á sua sagacidade decidir, a vista do que se passasse, se devia fugir, ou esperar a sua volta, seguio pelo corredor, ao qual vinhão ter os da bibliotheca, e de alguns outros salões de recepção, e que ia dar direito aos aposentos do rei, e da rainha-mãi, e á essa escadinha furtada pela qual se subia aos aposentos do duque

pos da Silva Pereira Junior, Francisco de Jozus, Portuguezes.
Maceió, Bahia e Rio-de-Janeiro; vapor brasileiro *S.-Salvador*, commandante o 2.º tenente Antonio Carlos de Azeredo Coutinho.

Declarações.

= Pelo lyceo desta cidade se faz publico, que este estabelecimento se acha transferido para a casa, que fica ao lado do arsenal de guerra, aonde se fazião as sessões do tribunal do jury, e no dia 13 do corrente começão os trabalhos das aulas pela seguinte ordem: a aula de lingoa nacional trabalhará das 10 ás 12 horas do dia; a de latim, das 8 ás 11 horas; a de francez, das 10 ás 12; a de inglez das 8 ás 10; a de geographia, das 10 ás 12; a de desenho, das 10 ás 12; a de geometria, das 10 ás 12; a de rhetorica, das 8 ás 10; e a de philosophia, das 10 ás 12.

Secretaria do lyceo, 12 de fevereiro de 1846. — O secretario, *João Facundo da Silva Guimarães.*

= Brevemente se hão affixar editaes de concurso ás freguezias vagas desta diocese.

Recife, 13 de fevereiro de 1846. — O padre *Francisco José Tavares da Gama*, secretario de S. Exc. Reverendissima.

— O Illm. Sr. inspector interino do arsenal de marinha manda fazer publico, que, em cumprimento de ordem do Exm. Sr. presidente, contratará com a maior brevidade a compra de duas pipas do melhor e mais puro azeite de carrapato, que houver no mercado desta cidade, para serem remettidas á côrte; e assim a compra e remessa para a provincia do Rio-Grande-do-Norte, de 200 canadas de azeite de tartaruga, paga alli a respectiva importancia.

Secretaria da da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco, 13 de fevereiro de 1846.

O secretario,
Alexandre Rodrigues dos Anjos.

— O administrador da mesa da recebedoria das rendas geraes internas avisa aos Srs. despachantes da alfandega, para que venhão pagar os quarteis, que estão a dever, pena de se proceder a executivo. Recebedoria, 12 de janeiro de 1846. — *Francisco Xavier Cavalcanti de Albuquerque.*

HOJE 14 DE FEVEREIRO,

NO

HOTEL FRANCISCO,

HAVERA' UM

GRANDE CONCERTO

VOCAL E INSTRUMENTAL

POR

F. S. Noronha,

Professor de rabeca.

PRIMEIRA PARTE.

1. Variações intituladas — *A noiva do sepulchro* —, compostas e executadas na rabeca por Noronha.
2. Dueto de *Anna Bolena*, pela Sra. Marietta e o Sr. Marinangelli.
3. Variações de *Violoncello*, pelo Sr. Grosdidier.
4. Romance intitulado — *A tardança* —, composto pelo Sr. Noronha, e cantado pelo Sr. Toselli.
5. Aria final de *Luccia de Lammermoor*, executada por Noronha.

SEGUNDA PARTE.

1. Cavatina de *Torquatto Tasso*, pela Sra. Marietta.
2. Variações de *Piano*, pelo Sr. Schmith.
3. Romance e *Barcarola de Marino Faliero*, pelo Sr. Marinangelli.
4. Dueto da opera *Colomella*, pelos Srs. Franchi e Toselli.
5. Valsa de Strauss, variada, intitulada — *Ai Jesus* —, executada por Noronha.

Os intervallos serão preenchidos por uma banda de musica marcial.

Os bilhetes vendem-se no hotel Francisco Preço 3$000. Principiará ás 8 horas.

Avisos maritimos.

— Vende-se o patacho nacional *Lopes*, de construcção americana, forrado e encavilhado de cobre, de lote de 127 toneladas, ancorado no Mosqueiro: quem o pretender, póde dirigir-se a bordo, aonde existe o inventario do mesmo, ou á rua da Cruz, n. 45, em casa Nascimento Schaeffer & C.

= Para o Rio-Grande-do Sul sahirá com brevidade, e ainda recebe carga, passageiros, e escravos a frete, o brigue-escuna *Bella-Virginia*, da consignação de Nascimento Schaeffer & C.

— Para o Rio-Grande-do-Sul sahirá com brevidade o brigue brasileiro *Independente*; tem praça para carga leve, passageiros e escravos a frete: os pretendentes tratem com Manoel Alves Guerra Junior, das 10 horas em diante, no armazem de cabos do Sr. Francisco Mamede de Almeida, ou com o capitão Fructuozo José Pereira Dutra.

= Para o Maranhão segue, por toda esta semana, o patacho brasileiro *União*: para carga, passageiros e escravos a frete, dirijão-se a Gaudino Agostinho de Barros, na pracinha do Corpo Santo, n. 66.

— O brigue-escuna *Henriqueta* sahirá impreterivelmente para o Aracaty no dia 18 do corrente, e só admitte alguma carga miuda: quem a tiver e pretender remetter, se poderá entender, na rua do Vigario, n. 23, primeiro andar, ou com o mestre no trapiche.

Leilaõ.

= Adamson Howie & Companhia farão leilão, por intervenção do corretor Oliveira, de um sortimento de fazendas inglezas, as mais proprias deste mercado: terça-feira, 17 do corrente, ás 10 horas da manhãa, no seu armazem, rua da Alfandega-Velha.

Avisos diversos.

— Na rua Direita, sobrado de um andar, n. 56, precisa-se de uma ama de leite, que o tenha bom e em abundancia, e sem filho.

A CARRANCA.

O n. 64 achar-se-ha a venda ao meio dia, na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

O CLAMOR PUBLICO.

O n. 76 acha-se a venda, na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

— O Sr. Domingos da Silva Barboza queira annunciar a sua residencia, ou procurar Gaudino Agostinho de Barros, pracinha do Corpo Santo, n. 66.

— Na rua do Rangel, sobrado n. 9, tirão-se passaportes para dentro e fóra do imperio, e despachão-se escravos; tudo por preço commodo, e com brevidade.

— Joaquim Salvador Pereira Braga, subdito brasileiro, retira-se para o Rio-Grande-do-Sul.

= Precisa-se fallar ao Sr. Antonio José da Fonseca a negocio de seu interesse; por isso queira fazer o favor de annunciar por esta folha a sua morada, sem falta.

— Precisa-se de uma mulher parda, ou preta que seja idosa, para estar na companhia de uma senhora casada sem filhos, e que tenha alguma pratica de cozinha, e de fazer algumas compras na rua; na rua da Praia, n. 54, se fará o ajuste.

— Pede-se a Illm. camara municipal do Recife, digne-se de approvar, quanto antes, a planta da estrada do Remedio, que vai para a da Magdalena, a fim de que os proprietarios possão murar a frente de seus sitios, do que ser-lhe-ha obrigado

Um proprietario do lugar.

— Aluga-se a loja e sobrado de dous andares, nos Quatro-Cantos da Boa-Vista, n. 1, e a casa terrea n. 3; o sobrado de dous andares na rua do Fagundes; a casa terrea n. 21 da rua das Flores; e outra na rua da Paz, n. 40: a tratar com Manoel Caetano Soares Carneiro Monteiro, no Aterro-da-Boa-Vista, n. 15.

— Quinta-feira, 12 do corrente, tirárão do collegio S. Antonio, do quarto do director, das 10 horas até ao meio dia, tempo em que o mesmo se achava n'aula, um relogio sabonete de ouro, com trancelim; o director não ignora quem foi o autor da gracinha, e serve-se deste meio, para lhe dizer, que póde restitui-lo, ou por si, ou por segunda pessoa, que terá a dignidade de se calar, e a ninguem patentear tal infamia, visto que a occasião aproveitada não foi lá das mais felizes, nem das mais gratas. Na casa ha muitos olhos, e olhos de rapazes, que são atilados, e que observão todas as acções e movimentos. Dado que o relogio esteja já empenhado ou vendido, quem o tiver reconhece-lo-ha pelos seguintes signaes: He um sabonete de ouro, patente inglez, meio chronometro compensado, de volume; a mola para abrir o sabonete está relaixada, a qual não fecha bem, e falta-lhe um brocho na mola de aço, que segura a coberta da machina, que he tambem de ouro. Qualquer pessoa a quem for offrecido, muita justiça fará, se o apprehender, e dado que se ache empenhado, ou vendido, póde manda lo entregar, que receberá a quantia, que houver dado.

— O *Nazareno* n. 3 está a venda, ao meio dia, na praça da Independencia, livraria, ns. 6 e 8; na rua estreita do Rozario, casa da Fé, na rua da Florentina, n. 8, na typographia Nazarena. Traz correspondencias interessantes da côrte.

— Alugão-se boas bichas, a 400 rs.: no pateo da S. Cruz, loja de barbeiro.

— Aluga-se uma canoa aberta, que pega em 500 tijolos de alvenaria; na rua do Rozario da Boa-Vista, n. 16.

AO PUBLICO.

Habitantes desta provincia, tanto nacionaes, como estrangeiros! Generosos Pernambucanos! Os Cearenses nossos irmãos morrem de fome. Uma secca horrorosa tem derramado a mizeria, e a consternação no meio dessa população laboriosa, e digna de melhor sorte. Centenas de familias se achão alli reduzidas ao estado de desesperação. O povo privado de recursos principia a morrer nas estradas, e nas mesmas ruas da capital, e de outras cidades, e villas da provincia, segundo as ultimas noticias. Em fim o Ceará vai ser em pouco tempo despovoado, se seus habitantes não acharem no meio de vós os mesmos soccorros, com que em outro tempo salvastes da mizeria os nossos irmãos do Pará.

Eu, pois, vos convido em nome da humanidade, e d'esse povo, que lucta com a morte, que vos apresseis a soccorre-lo, subscrevendo para este fim as quantias, que estiverem em proporção com as circumstancias, e cabedaes de cada um de vós.

Não se trata de ventilar uma questão politica, nem de estabelecer os interesses de um partido: trata-se do que he mais precioso; de salvar a vida de nossos irmãos, que se achão em um transe horroroso: por isso, escrevendo estas linhas, eu me dirijo a todos vós, quaes quer que sejão vossas opiniões, e os partidos, a que pertencais, esperando, que, em vossos corações achará acolhimento este brado, que solto a favor dos Cearenses. — Recife de Pernambuco, 13 de fevereiro de 1846. — *Francisco Carlos Brandão.*

= Quem pretender excellentes postillas do primeiro e segundo anno da academia de Olinda, dirija-se a botica do Gonzaga; assim como odes de Oracio em portuguez.

— Dão-se 500$ rs. a juros, com hypotheca em uma casa, cujo aluguel fique pelos juros, ou penhores de ouro: na rua larga do Rozario, venda n. 21, que faz esquina para a travessa das Cruzes, se dirá quem dá.

— A abaixo assignada, que mora no segundo andar do sobrado n. 16, defronte do theatro velho, por motivos de graves enfermidades em pessoas de sua casa, tem deixado, bem a seu pezar, de abrir a sua aula no tempo aprazado; porém espera poder estar no exercicio de seu magisterio no primeiro dia util ao depois do entrudo; o que participa aos pais de suas alumnas, e a quem convier; assim como se offerece a receber meninas pensionistas.

Maria Carneiro de Souza Lacerda Villa-Secca.

— João José Ferreira de Aguiar mudou a sua residencia para a rua Nova, n. 54.

— Uma mulher moça e desimpedida, que sabe fazer todo o serviço interior de uma casa, se propõe a ser ama de qualquer casa; quem della precisar, procure na rua do Mondego, adiante do sitio do Sr. Luiz Gomes, n. 151.

— Pedro Riguaire, agricultor francez, vai para Londa.

— Precisa-se fallar com o Sr. José Paulo Brabo, vindo do Porto na barca *Hermelinda*, na ultima viagem para este porto, a negocio de seu interesse: na rua da Cruz, n. 10.

— Carlos Dubois, relojoeiro, tendo de fazer viagem para a Europa, e querendo liquidar, venderá de hoje em diante relogios de todas as qualidades pelo preço do custo, assim como aviamentos de relojoeiro e ferramentas, etc, etc. Por esta occasião pede ás pessoas, que teem relogios para concertar na sua officina, hajão de os mandar buscar para evitar duvidas: pede tambem as pessoas a quem dever, que lhe apresentem suas contas para serem pagas; e as pessoas, que lhe devem, que lhe mandem pagar seus debitos.

AO PUBLICO.

Senhores, o melancolico quadro, que apresenta a infeliz provincia do Ceará, luctando com a fome e todos os seus horrores, me obriga a convidar, a quem se compadecer da sorte de tantas familias reduzidas ao ultimo apuro de desesperação, para concorrer com qualquer quantia, a fim de offerecer um lenitivo contra a mizeria, a fome e a completa desgraça, a que sucumbem tantos pais e mãis afflictos.

Recife, 12 de fevereiro de 1846.

José Antonio Pereira Ibyapina.

— A quem faltar uma cabra (bixo), procure na praça da Boa-Vista, botica do Sr. Ignacio José de Couto, que dirá quem a achou.

= O abaixo assignado, tendo comprado os serviços do pardo escravo, de nome Simião, com o officio de sapateiro, o qual foi escravo do fallecido Sr Villela, que morou na Casa-Forte, e que por escriptura pertencia ao Sr. Antonio Marinho Paes Barreto, cujos serviços tinhão de findar em 15 de setembro do corrente anno, declara pelo presente ao mesmo Sr. Marinho, que elle ainda continúa a andar ausente, como já se lhe fez vêr pelo annuncio do *Diario de Pernambuco* de 13 de maio, n. 104; e adverte a qualquer pessoa, que o tenha em seu poder (não vindo denunciar por estes dias), de usar dos meios, que lhe faculta a lei; e roga a qualquer pessoa, que delle souber, lhe participe.

Domingos da Silva Campos.

= Quem quizer comprar, ou tomar conta, por sociedade, de uma padaria, sita em muito bom lugar de negocio, e com todos os utensilios necessarios, e quasi novos, com bons commodos para moradia na mesma, pode dirigir-se a rua da Guia do Recife, casa n. 7, por cima de um marcineiro, a tratar como lhe convier: podendo ser o negocio vantajoso, por querer o dono mudar de estabelecimento.

= Aluga-se uma canoa de conduzir agoa, muito limpa e nova, por preço commodo; na rua larga do Rozario, n. 22.

= Antonio Valentim da Silva Barroca faz publico, que Manoel Rodrigues da Silva Figueiredo deixou de ser seu caixeiro, desde 11 do corrente.

= Dedleff Karrpe vai para o Rio-de-Janeiro.

— William Henry Thomas Verran, subdito inglez, retira-se para Inglaterra.

= Dão-se 300$ rs. a juros; na rua Nova, n. 63, loja de cera.

— Aluga-se um escravo optimo padeiro, por preço commodo: na rua das Trincheiras, n. 46, primeiro andar.

— Aluga-se o sobrado de um andar e sotão, na praça da Boa-Vista: a tratar com B. J. Fernandes Barros.

— Quem precisar de uma parda, que saba bem coser, fazer todo o serviço de uma casa e cozinhar, dirija-se a rua do Rangel, n. 60.

— Aluga-se um sobrado de um andar, com commodos sufficientes para uma familia, e uma bonita loja pertencente ao mesmo, na rua do Livramento, n. 39: a tratar no mesmo sobrado.

— Um moço brasileiro, solteiro, de optima conducta, propõe-se a ir para qualquer engenho ensinar meninos a ler, escrever, e contar; e tambem ensina a musica e flauta: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se atrás dos Martyrios, rua do Caldeireiro, n. 46, ou annuncie por esta folha.

— Aluga-se a loja do sobrado da rua Direita, n. 43, com commodos para familia, por 8000 rs. mensaes: a tratar na mesma rua, com Jose Pinto da Costa.

— Aluga-se, ou compra-se um preto sem vicios, e bom cozinheiro; na rua da Cruz, n. 40.

— Antonio Pereira Rabello Braga, subdito portuguez, retira-se para Maceió.

— Precisa-se de uma ama para o serviço interno de uma casa de pouca familia, que saiba perfeitamente engommar: quem estiver nestas circumstancias, dirija-se a rua da Concordia, entrando pela rua Nova, do lado esquerdo, casa que faz esquina para a travessa da mesma rua.

— Perdeo-se, no dia 9 do corrente, um annel de brilhante, com o peso de um quilate e 19 grãos, no Forte-do-Matto: quem o achou, leve-o ao largo do Corpo Santo, n. 4, em casa de João Francisco de Carvalho, que gratificará com 40$ rs.

— O Sr. doutor Antonio de Carvalho Raposo queira por favor mandar pagar a obra de Voltaire, que S. S. comprou, ou aliás mandar os volumes, que levou, visto que o Sr. Antonio José Pinto (livreiro) não quiz dar cumprimento a sua ordem passada em 1842.

— Aluga-se um sotão e lojas de uma casa na rua Augusta: a tratar na rua do Collegio, n. 8.

— Aluga-se a casa terrea sita na rua do Cotovelo, n. 81, com duas salas, 2 quartos, cozinha fóra, quintal murado, cacimba com boa agoa, e independente de vizinhos: a tratar na rua estreita do Rozario, n. 30, segundo andar.

— José Lourenço Meira de Vasconcellos, substituto de latim do collegio das artes de Olinda, faz publico, para quem convier, que ensina a materia de sua profissão, em casa de sua residencia, na ladeira da Sé, para o que, e para os preparatorios, que tenhão de dar n'outras aulas, já tem, e continúa a admittir alumnos internos, menores de 16 annos, aos quaes se compromette a prestar zelosa educação.

Aterro-da-Boa-Vista, n. 5.

Pommateau, cutileiro e amolador de todos os ferros, que pertencem a cutilaria, previne aos seus freguezes, que além dos ferros de sua arte, tambem fabrica-se na sua officina qualquer obra de aço, com toda a perfeição, como sejaõ esporas e freios de todos os feitios, todos os instrumentos de cirurgia e de dentista, concertos de espingardas, fazendo peças novas, sendo precisas. Quarta-feira e sabbado de cada semana, são os dias destinados para amolar toda a qualidade de ferros cortantes.

No mesmo estabelecimento tambem se alugão espingardas de caça, pagando o aluguel de cada dia.

Tambem ha para vender uns pucaros de uma massa composta de ingredientes infalliveis contra a ferrugem.

---

d'Alençon, e de Henrique. Posto que não fossem mais de nove horas da noite, todas as luzes estavão apagadas, e o corredor, afóra uma ligeira luz que lhe vinha dos corredores lateraes, estava na mais completa obscuridade. Avançou a rainha de Navarra com passo firme, mas antes de chegar ao meio do corredor ouvio como o sussurrar de vozes baixas, que pelo cuidado que punhão em abafa-las, tinhão um accento mysterioso e medonho. Quasi de repente porém cessou esse sussurro, como se uma ordem superior o houvesse extincto, e tudo voltou ao silencio, e até a obscuridade, porque essa mesma fraca claridade, como que diminuio.

Continuou Margarida o seu caminho, marchando direito ao perigo, que, a existir, a esperava. Estava ella calma em apparencia ainda que a contracção das mãos indicasse violenta tensão nervosa. A proporção que se ella approximava duplicava o sinistro silencio, e a sombra como de uma mão obscurecia a tremula e incerta claridade.

Ao chegar a altura de um dos corredores lateraes, surgio delle el-rei, descobrio uma lanterna, com que se allumiava e gritou: — Ei-lo!

Achou-se Margarida cara a cara com seu irmão Carlos. Por trás delle estava em pé, com um cordão de sêda na mão, o duque d'Alençon. No fundo, e na obscuridade apparecião dous vultos um ao lado do outro, e que so se podião distinguir pela luz que davão as espadas que tinhão nuas e em punho!

Margarida abrangeo com uma vista d'olhos todo este quadro, fez um esforço supremo, e respondeo risonha a Carlos:

— Quereis dizer, Sr.: Ei-la!

Carlos recuou um passo. Todos os outros ficárão immoveis.

— E's tu Margot, disse o rei; e onde vás á esta hora?

— A esta hora! disse Margarida, pois tão tarde he!

— Pergunto-te, onde vás?

— Procurar um livro das orações de Cicero, que penso haver deixado no quarto de nossa mãi.

— Assim, sem luz?

— Supponha o corredor allumiado.

— E vens do teu aposento?

— Venho.

— Que fazes então esta noite?

— Preparo o meu discurso aos [illegible] polacos. [illegible] he amanhãa conselho, e não se decidio que todos apresentarião os seus discursos a V. magestade?

— E não tens alguem que te ajude em tal trabalho?

Margarida reunio todas as suas forças.

— Sim, meu irmão, disse ella, M. de La Mole; he homem muito instruido.

— Tão instruido, disse o duque d'Alençon, que lhe havia pedido me procurasse para dar-me alguns conselhos, a mim que não sou da vossa força.

— E o esperaveis? disse Margarida no tom mais natural.

— Sim, disse d'Alençon com impaciencia.

— Nesse caso, vou mandar-vo-lo, porque ja acabamos.

— E o vosso livro? disse Carlos.

— Manda-lo-hei vêr por Gillonne.

Os dous irmãos trocárão um signal.

— Ide, disse Carlos; e nós, continuemos a nossa ronda.

— Vossa ronda? disse Margarida; que procurais vós então?

— O lobishomem, disse Carlos. Não sabeis, que appareceo um lobishomem no velho Louvre? Meu irmão d'Alençon diz tê-lo visto, e nós andamos em cata delle.

— Boa caçada! disse Margarida.

E retirou-se deitando atrás os olhos. Vio ella então na parede do corredor as quatro sombras reunidas, que parecião conferenciar.

Em um instante se poz á porta do aposento.

— Abre, Gillonne, disse ella, abre.

Gillonne obedeceo.

Margarida entrou precipitadamente, e achou La Mole que a esperava, calmo e resoluto, mas com a espada na mão.

— Fugi, bradou ella; fugi sem perda de tempo. Esperão-vos no corredor para vos assassinarem.

— Vós o ordenais? disse La Mole.

— Eu o quero. Forçoso he separarmo-nos para nos tornarmos a vêr.

Durante a excursão de Margarida, havia La Mole amarrado a escada á tranca da janella; trepou-se, mas antes de pôr o pé no primeiro degrão, beijou ternamente a mão da rainha.

— Se esta escada for uma cilada, e eu morrer por vós, Margarida, lembrai-vos da vossa promessa.

— Não he uma promessa, La Mole, he um juramento. Não temais nada. Adeus.

E La Mole reanimado, não desceo a escada, deixou-se escorregar por ella abaixo.

Ao mesmo tempo batêrão á porta.

Margarida olhou para La Mole, durante a sua perigosa descida, e só se voltou no momento, em que se certificou bem que elle estava em terra.

— Senhora! dizia Gillonne, senhora!

— Que he? perguntou Margarida.

— Bate el-rei á porta.

— Abri.

Gillonne obedeceo.

Os quatro, cançados sem duvida de esperar, estavão de pé no limiar.

Carlos entrou.

Margarida foi ao encontro de seu irmão com o sorriso nos labios.

O rei lançou em derredor de si rapido olhar.

— Que procurais vós, meu irmão? perguntou Margarida.

— Procuro..... disse Carlos, procuro...... oh! corbœuf! procuro M. de La Mole.

— M. de La Mole?

— Sim; onde está elle?

Margarida travou da mão de seu irmão, e levou-o para a janella.

Nesse mesmo instante, partião dous cavalleiros a todo o galope, ganhando a volta do bosque; um delles fazia em signal de adeos fluctuar a facha de setim branco que desatára; estes dous homens erão La Mole e Orthon.

Mostrou-os Margarida com o dedo á Carlos.

— Que quer isto dizer? perguntou o rei.

— Isto quer dizer, respondeo Margarida, que o Sr. duque d'Alençon póde guardar na algibeira o seu cordão, e os Srs. d'Anjou e de Guise embainhar as espadas, visto como M. de La Mole não tornará esta noite a passar pelo corredor.

(*Continuar-se-ha*).

SOCIEDADE APOLLINEA.

A commissão administrativa da sociedade Apollinea convoca assembléa geral dos socios, para eleição da nova commissão no dia segunda-feira, 16 do corrente pelas 5 horas da tarde.

— Precisa-se de um habil caixeiro, que tenha toda pratica de venda, e dando conhecimento de sua pessoa, e se lhe fará bom ordenado, conforme seu merecimento: na Soledade, venda n. 20.

= Na rua do Collegio, n. 7, primeiro andar, aluga-se uma ama, que tenha bom leite, e em abundancia.

Compras.

— Comprão-se traves de qualidade, que tenhão 35 palmos de comprido, e 1 palmo em quadro de grossura: na rua da Cruz, no Recife, n. 11.

— Compra-se um trancelim com 7 oitavas de ouro; na praça da Independencia, n. 12.

— Compra-se o segundo volume das ordenações do reino de Portugal; no caes da Alfandega, armazem, n. 5.

— Comprão-se, para fóra da provincia, escravos de 13 a 20 annos; sendo de bonitas figuras, pagão-se bem: na rua da Cadeia de S. Antonio, sobrado de um andar, de varanda de páo, n. 20.

— Comprão-se dous escravos, um pedreiro e outro carpina, para uma encommenda do Rio-Grande-do-Sul; na rua do Collegio, armazem, n. 19.

— Comprão-se cavallos; na rua da Conceição da Boa-Vista, n. 60.

— Compra-se um quartão, que esteja em boas carnes, e seja estradeiro; na rua da Cruz, n. 3.

Vendas.

— Vendem-se dous bonitos escravos moços e sadios; na rua da Cruz, 3, que ficarão satisfeitos vende-os.

Bilhetes do Rio-de-Janeiro.

Vendem-se meios bilhetes, a 12000 rs. cada um; na rua da Cadeia-Velha, casa de cambio, na esquina do Becco-Largo, n. 24.

Loteria do Rio-de-Janeiro.

Vendem-se bilhetes e meios ditos, a razão de 24000 rs.; na rua da Cadeia-Velha, loja de cambio, n. 38.

= Vende-se sal do Assú; a bordo do pacho *Conceição*, ao pé do trapiche novo, ou a fallar com Firmino J. Felix da Roza & Irmão.

= Vendem-se fogões quadrados, de 5 e 6 boccas, muito modernos, chegados ultimamente de Inglaterra; na rua Nova, loja de ferragens, n. 25.

= Vendem-se superiores cartas francezas para jogar, e tambem ordinarias; na rua Nova, loja de ferragens, n. 15.

=Vende-se um sobrado com muito bons commodos para grande familia, com quintal, na rua do Amparo; outro sobrado com seu sitio, na rua do Jogo-da-Bola; uma casa terrea com quintal, na rua do Cabral; todas em Olinda e em chãos proprios: na rua das Flores, n. 7.

= Vende-se guano; no armazem n. 44, rua da Alfandega-Velha.

=Vende-se uma rede nova acolchoada e com varandas, por preço muito commodo; atrás do theatro velho, n. 20, segundo andar.

— Vendem-se os córtes de vestidos de cambraia, á rainha victoria, os mais ricos, e unicos que existem nesta praça: na rua do Crespo, loja n. 15, de Antonio da Cunha Soares Guimarães.

= Vendem-se os 3 volumes da traducção em portuguez do tratado da religião, pelos padres Richard e Girand; na rua larga do Rozario, n. 20

= Vende-se a mais superior sarja hespanhola, pelo barato preço de 2560 rs. o covado; casimiras enfestadas, as mais superiores que he possivel, a 4200 rs.; ditas de uma largura, a 1000 rs.: lenços de setim os mais asseiados, a 2880 rs.; ditos para meninas, a 640 rs.; as mais asseiadas mantas de seda; chales de lãa e seda; e outras muitas fazendas baratas: na rua do Crespo, loja n. 12, de José Joaquim da Silva Maia.

= Vende-se um torrador de café, em bom uso; na rua da Senzalla-Nova, n. 4.

Cheguem ao barato!

= Vendem-se botins e meios ditos para homem, de 640 a 1000 rs.; sapatos de couro para mulher e rapazes, a 160 rs.; ditos de setim para senhora, a 320 rs.; ditos para meninas, a 80 rs.: na praça da Independencia, ns. 13 e 15, loja do Arantes.

= Vende-se cera de côr para limas de cheiro, a 1000 rs. a libra; na rua do Rangel, n. [illegible]

— Vende-se uma preta crioula, de 15 a 16 annos, de bonita figura, cozinha e engomma soffrivelmente; na rua do Crespo, n. 9.

=Vendem-se 8 escravos, sendo um pardo muito claro, de bonita figura, alto, de idade de 18 annos; um preto de 20 annos; uma preta de 20 annos, lava, cose, engomma e cozinha; uma negrinha, de 10 annos; uma parda com dous filhos, de 6 a 7 annos; todos chegados proximamente do Aracaty, por preço commodo: na rua da Cruz, n. 51.

= Vende-se uma negrinha, de 14 annos, cozinha e lava de sabão; uma escrava de nação, optima quitandeira; dous mulatinhos, de 12 a 13 annos, proprios para officio; um dito de 17 annos, proprio para pagem; um dito de 22 annos, para o serviço de campo; um escravo de nação, de 40 annos, optimo padeiro; um moleque crioulo, de 14 annos, para todo o serviço: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

= Vende-se um escravo, de 20 a 25 annos de idade, de boa figura, possante, proprio para todo o serviço, sem vicios nem achaques; o qual se vende para pagamento: na rua do Amorim, n. 36.

— Na rua do Amorim, n. 36, continua-se a vender muito bom café moido, sem mistura, e de boa qualidade, em grandes e pequenas porções, por preço commodo.

= Vende-se uma facha nova para inspector de quarteirão; na rua do Rangel, n. 9.

=Vende-se a loja de ferragens e quenquilherias do Aterro-da-Boa-Vista, n. 78, com maior, ou menor porção de fazendas, e a prazos razoaveis: a tratar na mesma loja.

= Vende-se sal do Assu'; a bordo da sumaca *Carlota*, fundeada defronte da Lingoêta.

= Vende-se uma casa terrea em Fóra-de-Portas, da parte do mar grande, com frente para o pharol, n. 14, por preço commodo; a qual rende 8000 rs. mensaes: em Fóra-de-Portas, rua do Pilar, n. 98, das 6 as 9 horas da manhãa, e das duas as 6 da tarde.

=Vendem-se 90 palmos de terreno já com alicerces para 3 predios, sendo 30 na rua Imperial, e 60 na rua Augusta; na rua da Cadeia de S. Antonio, n. 14

= Vende-se um cavallo ruço, grande, muito bom passeiro, carregador e esquipador; na rua do Crespo, n. 10, primeiro andar.

☞ EM PRIMEIRA MÃO. ☜

Vende-se CERA EM VELAS, do Rio-de-Janeiro; COLLA DA BAHIA; VINAGRE DE VINHO TINTO, superior, a 320 rs. a canada velha: nos armazens de deposito de AZEITE DE CARRAPATO, na rua da Senzalla-Velha, ns. 108 e 110.

= Vendem-se duas moradas de casas terreas, em chãos proprios, sitas na rua de S. Gonçalo, ns. 1 e 3; na rua da Senzalla-Velha, n. 70.

= Vendem-se duas negrinhas, uma de idade de 12 annos e a outra de 14; um moleque, de 11 annos; as negrinhas teem principios de costura, e são de bonitas figuras; no pateo da matriz de S. Antonio, n. 4, segundo andar.

= Vende-se uma preta de nação Angola, propria para o serviço de campo; no largo do Carmo, esquina da rua de Hortas, venda n. 2.

=Vende-se a Historia Universal pelo abbade Millot, em portuguez, 10 v. por 12$000 rs.; diccionario de portuguez para latim por Fonseca: no Aterro-da-Boa-Vista, n. 44.

CALÇADOS.

Acha-se de novo aberta a muito conhecida loja de calçado da praça da Independencia, ns. 13 e 15, com muito bom sortimento, tanto para homem como para senhora e crianças de um a 12 annos; assim como de muitos outros calçados velhos, que serão vendidos a todo o preço, igualmente espartilhos, peitos para camisas, com babados, mantas de filó, lenços, fitas de garça de todas as larguras, tamancos de todos os tamanhos, phosphoros, e graxa franceza.

=Vende-se um sobrado novo de um andar e grande sotão, em chãos proprios, e em boa rua, por preço commodo; na rua estreita do Rozario, n. 10.

Attenção!

No deposito de bichas da rua da Cruz do Recife, n. 43, acaba de receber-se uma grande porção de bichas hamburguezas, que se vendem e alugão-se, por mais commodo preço do que em outra qualquer parte; assim como de Lisboa, que se alugão a 200, 240 e 320 rs.; tambem se vão applicar para mais commodidade dos pretendentes; tambem ha para vender 200 meios de sola, uma porção de cera de carnauba, e 20 pipas vasias, tudo por preço commodo.

– Vende-se um preto de Angola, muito bom canoeiro, por preço commodo; na rua Bella, sobrado, n. 37, até 9 horas.

= Vende-se sal estrangeiro, a bordo: a tratar com Leopoldo José da Costa Araujo, na rua da Moeda, n. 7.

= Vende-se superior farinha de S. Catharina; a bordo do brigue *Nero*, fundeado defronte das escadinhas.

= Vendem-se 9 escravos, chegados proximamente do Aracaty, sendo 3 escravas pretas, dous pretos, 3 cabras, e um mulatinho; todos moços: na praça do Corpo Santo, n. 23, a tratar com Antonio Rodrigues Lima.

— Vendem-se as melhores sarjas largas e hespanholas, por preço commodo; na pracinha do Livramento, hoje rua do Queimado, n. 46.

Potassa americana

de muito superior qualidade, vende-se a 250 rs. a libra; no armazem do Braguez, ao pé do arco da Conceição.

= Vende-se potassa americana, ultimamente chegada, em barris grandes e pequenos; lenços pretos, de seda da India; setim preto de Macáo; velas de espermacete, de 4, 5 e 6 em libra; cera amarella; algodão grosso para saccos; tudo por preço commodo: em casa de Matheus Austins & Companhia, na rua da Alfandega-Velha, n. 36.

= Vendem-se moendas de ferro para engenhos de assucar, para vapor, agoa e bestas, de diversos tamanhos, por preço commodo; e igualmente taixas de ferro coado e batido, de todos os tamanhos: na praça do Corpo Santo, n. 11, em casa de Mc. Calmont & Companhia, ou na rua de Apollo, armazem, n. 6.

MUITO BARATO.

= Vende-se um pequeno sitio a margem do Capibaribe, com casa de vivenda, coqueiros, e terra para plantar alguma cousa, agoa de beber, muito fresco e alegre, com estrada pela Passagem, e pelos Afogados; as mais proporções se dirão ao comprador: na rua de Agoas-Verdes, n. 21.

= Vendem-se 4 escravos moços, bons para o trabalho de campo e de praça; um dito official de carpina; dous mulatinhos de 10 a 12 annos; um moleque peça, de 18 annos, official de alfaiate e bom pagem; um preto de meia idade, por 100$ rs., bom para trabalhar em um sitio; 4 escravas, uma engomma e cozinha bem; duas ditas quitandeiras; uma mulatinha, de 14 annos, com bons principios de habilidades: na rua do Crespo, n. 10, primeiro andar.

— Gaspar da Silva Fróes vende o seu escravo pardo de nome Ignacio, mestre sapateiro, muito bom pagem e fiel a toda prova; o motivo da venda he o mesmo não querer acompanhar seu senhor para o Porto-Alegre; assim como uma preta quitandeira, muito fiel, que tambem não quer ir, por ter uma filha em casa do Sr. Manoel Lucas; vende mais uma cama rica com cupola e enchergões, um toucador de jacarandá, com meia commoda e repartimento para os enfeites de uma senhora, uma commoda de jacarandá com columnas, um guarda-vestidos, de mogno, um guarda-livros, um guarda-louça, de mogno: na rua das Trincheiras, n. 18.

=Vende-se um piano de Hamburgo, de optimas vozes, e do melhor autor; carneiras de lustro, por preço commodo: na rua da Cadeia-Velha, n. 16, primeiro andar.

=Vende-se a venda da rua da S. Cruz, n. 5, a dinheiro ou a prazo, com os fundos a vontade do comprador: a tratar na mesma venda, ou na mesma rua, n. 3.

= Vendem-se dous optimos pianos inglezes, de muito boas vozes e construcção, por preço commodo; na rua do Crespo, loja n. 4.

— Vende-se muito superior potassa da Russia, em barris pequenos, pelo modico preço de 240 réis a libra: na rua do Trapiche, armazem de José Teixeira Basto.

=Na fabrica dos engenheiros e machinistas M.ᶜ Callum & Companhia, rua do Brum, ns. 6 e 8, vendem-se moendas de canna, de diversos tamanhos, para agoa, ou animaes; e tambem se concertão por preço commodo. Na dita fabrica igualmente se recebem encommendas para mandar vir toda a especie de machinas da melhor e mais moderna construcção.

= Vende-se milho velho, a 2500 rs. o alqueire; dito novo, a 4$ rs.; saccas com farinha de Magé, a 5$ rs: na rua da Cadeia de S. Antonio, deposito de farinha, n. 19.

= Vende-se uma parda vistosa e sadia, engomma bem, cozinha o diario de uma casa, cose mui bem costura chãa, ensaboa e corta vestidos de senhora; na rua da Cadeia do Recife, loja de João da Cunha Magalhães.

= Vendem-se duas escravas, de 18 a 20 annos, recolhidas, com todas as habilidades; duas mulatinhas, de 14 a 17 annos, de bonitas figuras, com habilidades; um moleque, de 14 annos; um preto, de 35 annos, por 300$ rs., bom trabalhador de enxada, por ter tido muita pratica; duas pardas, de 20 annos; uma preta da Costa, boa quitandeira: atrás da matriz de S. Antonio, n. 16, primeiro andar.

— Vende-se um violão de muito boas vozes, e uma chapeleira ingleza de couro, e muito bem feita; tudo por barato preço: a fallar com o Sr. Thomaz Dias Souto, rua da Cruz do Recife, n. 62.

— Vendem-se garrafas grandes, com agoa de Cologne, chegada ultimamente de França, e pelo moderado preço de 2$400 rs. cada garrafa: na rua do Crespo, loja nova n. 12, de José Joaquim da Silva Maia.

— Na rua do Crespo, loja nova n. 12, de José Joaquim da Silva Maia, vendem-se as admiraveis e bem acreditadas navalhas de aço da China: estas navalhas teem a vantagem de cortar o cabello sem offensa da pelle, deixando a cara parecendo estar na sua mocidade. Este aço vem exclusivamente da China, e só nelle trabalhão dous dos melhores, e mais abalisados cutileiros da nunca excedida, e rica cidade de Pekim, capital do imperio Chim.

AUCTOR SHORE.

N. B. He recommendado o uso destas navalhas maravilhosas por todas as sociedades das sciencias medico-cirurgicas, tanto da Europa como d'America, Asia, e Africa, não só para prevenir as molestias da cutis, mas tambem como um meio cosmetico.

= Vende-se farinha de mandioca de superior qualidade, em saccas, ou alqueires, por menos preço do que em outra qualquer parte; assim como gamelas de differentes tamanhos; um alambique com 411 libras: no arco de S. Antonio, n. 2, loja de Manoel José Gonçalves Braga & Companhia.

= Vende-se um cavallo ruço, carregador baixo e de meio, por preço commodo; na rua Direita, n. 108.

=Vende-se um cosmorama, em ponto pequeno, com 12 vistas de paizes para de dia, e 12 para de noute, por preço commodo; e se ensina ao comprador como se arma: na rua larga do Rozario, n. 22.

= Vendem-se camas de ferro com armação e sem ella; cafeteiras de fazer café, pela pressão do ar; candieiros de bronze, para meio de sala; castiçaes de bronze e casquinha; estojos com todos os preparos para barba, tudo inglez, e muito boa fazenda: na rua da Senzalla-Nova, n. 42.

= Vende-se uma escrava de elegante figura, de idade de 18 a 20 annos, muito boa cozinheira, e carinhosa para meninos; ao comprador se dirá o motivo da venda: na esquina da rua da Aurora, loja de louça.

=Vendem-se, para desobriga de hypotheca, ou traspassa-se a mesma hypotheca em duas moradas de casas na Soledade, ao pé do palacio do bispo, onde tem a padaria; na rua do Cabugá, loja de miudezas de Joaquim José da Costa Vajeiro.

= Vende-se uma escrava de nação Costa, boa quitandeira e de todo o serviço de uma casa, de bonita figura, representa 30 annos, para dentro ou fóra da provincia; em Fóra-de-Portas, n. 18.

= Vende-se o diccionario de Moraes, de quarta edição, por 16$ rs.; na rua Nova, loja n. 58.

= Vendem-se superiores caixas de tartaruga para rapé, vindas ultimamente do Aracaty, por menor preço do que em outra qualquer parte; assim como um esplendido sortimento de chapeos de todas as qualidades, como sejão: chapeos de palha, italianos, muito finos; ditos do Chile; ditos de castor branco; ditos dito raspados; ditos de massa fina francezes; pelluça de seda; carneiras; taboinhas; papelão; fitas; massas portuguezas, francezas e hamburguezas; e outros muitos objectos para fabrica de chapeos, que se venderão por preço muito commodo: na praça da Independencia, fabrica de Chapeos de Joaquim de Oliveira Maia, ns. 24, 26, 28, 30, 36, 38 e 40.

= Vende-se um balcão com 22 palmos de comprimento, 5 fileiros envidraçados, por preço commodo; na rua do Rozario, n. 2.

= Vendem-se sophás de jacarandá; ditos de angico; cadeiras de jacarandá e de angico; jogos de bancas de jacarandá e angico; marquezas, camas, e commodas de angico e de amarello; meias-commodas de dito; cadeiras para meninas; bancas de meio de sala; tudo de gosto o mais moderno que se póde encontrar, por preço mais commodo do que em outra qualquer parte: na Camboa-do-Carmo, casa de marcineiro, n. 8.

= Vende-se um cavallo de estribaria, novo, gordo, e com muito bons andares; na praça da Independencia, livraria, ns. 6 e 8, se dirá quem vende.

= Vendem-se chifres e 20,000 casquinhos de boi; no Cortume das Cinco-Pontas, n. 3.

— Vende-se uma boa morada de casa terrea em chãos proprios, livre e desembaraçada de tudo, sita na travessa dos Expostos, por detrás da matriz de S. Antonio, n. 22, com quintal e cacimba: nas Cinco-Pontas, n. 4.

— Vende-se uma cabra (bicho) e um cabrito; na rua da Conceição da Boa-Vista, n. 60.

Vende-se, na fabrica de licores de Frederico Chaves, no Aterro-da-Boa-Vista, n. 26.:

Ago'ardente de França	canada	960
Dita do Reino	»	800
Dita de aniz	»	640
Dita de canella	»	640
Dita de cravo	»	640
Dita de Lima	»	640
Dita de mil flores	»	640
Espirito de vinho	»	1000
Genebra	»	720
Dita embotijada		200

Licores de todas as qualidades e todos os preços, com ricas tarjas.

Charopes finos para refrescos, e da verdadeira resina de angico, muito bom para as molestias de peito.

Mechas phosphoricas em maços de 100 e 150, a 20 rs. cada maço.

Chocolate de primeira qualidade, de saude, baunilha e canella, a 400 rs. a libra; dito ferruginoso, a 1000 rs. a libra, e a quem quizer comprar em arrobas se dará por preço muito commodo. Para maior facilidade dos compradores, acha-se um deposito de chocolate na rua da Cadeia, loja de chapeos, n. 46, de Candido José de Sales.

— Vende-se superior essencia de aniz em garrafas de 20 onças, por preço commodo: no Aterro-da-Boa-Vista, na fabrica de licores n. 26.

Escravos Fugidos

— Na manhãa de 28 de dezembro de 1845, fugio da villa do Principe, no Seridó, um escravo crioulo, bem preto, de nome Francisco, de 45 annos de idade, bom cozinheiro, estatura ordinaria, pouca barba, cheio do corpo, farçola, tabaquista; tem uma orelha furada, em que mette uma argolinha por chibança; he bem conhecido por toda a parte, porque 14 annos acompanhou o finado senador Francisco de Brito Guerra nas suas viagens de visita e da côrte: quem o pegar, leve ao dito lugar, a entregar ao vigario Manoel José Fernandes, que gratificará generosamente.

— Fugio, na madrugada do dia 7 do corrente, da cidade da Olinda, uma parda de nome Cosma, parecendo branca, por ser bastante clara, cabellos cortidos e corridos, estatura mediana, não mal parecida, olhos pretos e grandes, sobrancelhas grossas, com falta de dentes na frente, peitos grandes, pés e mãos regulares; em um dos pés tem uma pequena ferida entre os dedos, que não a deixava andar bem; o dedo do meio da mão direita, na ultima junta, he defeituoso de uma panaricio; representa 20 a 22 annos de idade; levou, além da roupa do corpo, uma trouxa com um vestido de chita novo e algumas camisas, sendo 3 de madapolão fino, ainda em folha, e 45$ rs. em cedulas: quem a pegar, leve a sobredita cidade de Olinda, na rua do Passo-Castelhano, casa contigua ao theatro, ou no Recife, na rua da Aurora, n. 12, que será generosamente recompensado.

— Roga-se as autoridades policiaes, capitães de campo, e pessoas particulares, que apprehendão, por onde fôr visto, o preto José, nação Cassange, o qual julga-se que fôra para Páo-d'Alho, por ter lá um filho; tem 50 a 60 annos de idade; baixo, grosso do corpo, pernas inchadas, bastante potroso, e padece de frialdade, e por esta molestia cança continuadamente; levou chapéo preto, camisa e ceroula de algodãozinho. Adverte-se, que este escravo já fez outra fugida em 13 de outubro de 1843, e foi preso em Paratibe, e desappareceo do sitio do Monteiro, na tarde de 5 do corrente: quem o pegar leve-o ao Aterro-da-Boa-vista, n. 37, no terceiro andar, que será gratificado, ou no Monteiro, sitio que foi do finado Domingos Rodrigues do Passo.

— Desappareceo, na noute de 7 do corrente, de bordo do brigue *Flor do-Sul*, o escravo marinheiro, de nação Benguella, de nome Manoel, representa ter 25 annos, pouco mais ou menos, sem barba, rosto redondo, orelhas furadas; consta que em terra anda calçado: quem o pegar, leve a rua da Cadeia, n. 45, ou a bordo do mesmo brigue, que receberá boa gratificação.

PERN.; NA TYP. DE M. F. DE FARIA—1846.